

## **AVESSOS DA BELLE ÉPOQUE: OS REVOLTOSOS DA VACINA DEPORTADOS PARA A AMAZÔNIA**

**Luciana Marino do Nascimento<sup>1</sup>**

**RESUMO:** A cidade como palco de lutas e de encenação para o progresso nascente do início do século XX tornou-se um lócus privilegiado para o estudo das representações sociais. Por esse motivo, pretende-se, neste trabalho, tecer algumas considerações sobre as crônicas publicadas na imprensa carioca que abordaram a deportação dos Revoltosos da Vacina, cujo levante ocorrido em 1904, deixou um saldo de muitos participantes presos e um bom número deles foi deportado para a Amazônia.

**PALAVRAS-CHAVES:** Cidade, Revolta da Vacina, Belle Époque.

**ABSTRACT:** The city as an arena of fighting and staging to the emergent progress in the beginning of the 20<sup>th</sup> century has become a privileged locus for the studies of social representations. For this reason, this paper intends to draw some considerations about the chronicles published in the carioca press depicting the deportation of Vaccination Rebels, whose insurrection in 1904 led to many imprisonments and a considerable number of deportations to the Amazon region.

**KEYWORDS:** City, Vaccination Insurrection, Belle Époque.

### **Introdução**

Um olhar sobre as imagens da cidade do Rio de Janeiro do século XIX e início do século XX, registradas pela pena dos escritores, nos leva a um registro literário da cidade, como "mapas textuais" (GOMES, 1994), que nos conduzem às entrelinhas da vida social e política. De acordo como Renato Cordeiro Gomes, a cidade enquanto labirinto, faz com que seus habitantes a ressignifiquem por meio de múltiplos discursos, entre eles o literário: "Lê-se a cidade como um composto de camadas sucessivas de construções e "escritas", onde estratos prévios de codificação cultural se acham "escondidos" na superfície, e cada um espera ser "descoberto e lido". (GOMES, 1994, p. 78).

Há que se destacar a profunda heterogeneidade do campo intelectual, que vai desde escritores sintonizados com os salões às vozes dissonantes do coro de elogios à modernidade carioca, como bem enfatizou Brito Broca em *A Vida Literária dos 1900*. A História dos primórdios da República é indissociável da História da cidade, pois exerce influência significativa sobre a vida cultural e social e em especial na Literatura:

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Docente do PPGL: Linguagem e Identidade. Docente em regime de Exercício provisório no Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ2). Este trabalho contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

O período de reajustamento político-social, que sucedeu à proclamação da República, não era de molde a favorecer os hábitos mundanos. Mas no começo do século, a crescente valorização das letras e a espécie de aliança que elas então fizeram com o mundanismo, contribuíram para que surgissem alguns salões de caráter acentuadamente literário. (BROCA, 2004, p. 60).

As imagens veiculadas sobre o Brasil no estrangeiro eram as piores possíveis e com a abertura do comércio e o intercâmbio do Brasil com a Europa, urgia modificar-se a paisagem da velha cidade. Com a implantação do projeto urbanístico de Pereira Passos (1902-1906), o Rio de Janeiro foi o palco primordial da encenação cultural da elite europeizada. Os paradigmas urbanísticos de circulação, higienização e ventilação determinavam uma nova reordenação topográfica. A abertura de amplas avenidas, o bota - abaixo do casario colonial, a crescente separação entre os redutos dos ricos e as zonas periféricas dos pobres estipulava as ordenações da capital republicana, calcada na modernização do espaço público e no ideal de uma urbanidade cosmopolita. O Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o XX, era um marco de espaço urbano em que a pobreza e o luxo coexistiam. De acordo com Jeffrey D. Needell,

A Belle Époque carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação da tranquilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado. As condições para a estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance da mão [...] (NEEDELL, 1993, p.39).

Enquanto Capital Federal, o Rio de Janeiro deveria transformar-se numa “Europa possível” e, ao mesmo tempo, corporificar um modelo de nacionalidade como porta de entrada e cartão postal do Brasil. (NASCIMENTO, 2008. p. 68). No âmbito da cidade simbólica, permeando a construção imagística da cidade progressista da Belle Époque, despontavam as críticas dissidentes. A ironia cortante presente na tessitura dos textos das crônicas jornalísticas, a cidade, harmônica e ideal do planejamento burguês, é retratada como cenário de tensões sociais, trocas culturais e disputas, tendo a cidade sido o palco de grandes movimentos políticos e sociais.

O “bota-abaixo” constituiu-se na total destruição de variadas propriedades, como casas comerciais e cortiços, ordens de despejo, ou seja, uma verdadeira febre de demolições que levaram os cidadãos a protestos, tendo em vista o autoritarismo imposto pelo governo como, por exemplo, a obrigatoriedade da vacina, as desapropriações embasadas em um discurso

cientificista, onde se faziam os cidadãos crerem que suas casas estavam infectadas por bactérias. Com o objetivo de “civilizar” o Brasil, o então presidente da República Rodrigues Alves (1902 – 1906) concede ao prefeito Pereira Passos totais poderes para tornar-se o Barão de Haussmann do Rio de Janeiro, transformando a velha cidade colonial em uma urbe moderna.

Tendo como pano de fundo a cidade, eclodem no Rio de Janeiro da *Belle Époque*, importantes movimentos sociais, como a Revolta da Vacina em 1904 e a Revolta da Chibata em 1910. A Revolta da vacina foi uma manifestação política, em reivindicação para a melhoria dos problemas urbanos: rede de águas, esgoto e, sobretudo, um ambiente onde não proliferassem doenças, ou seja, almejavam-se melhores condições de vida e de trabalho.

### **A Revolta da Vacina em alguns dos jornais da época**

O discurso científico de fins do século XIX induzia a muitos a acreditarem que a vacina e a demolição dos cortiços seriam a solução para as mazelas sociais, as quais se tornavam uma ameaça à população do Rio de Janeiro, pois as classes populares eram vistas como “classes perigosas”, conforme afirma Sidney Chalhoub:

O lado perverso e caótico, que, com o crescente aumento das populações, acarretava falta de moradia, problemas de abastecimento de água, falta de esgotos e a decorrente insalubridade. O aumento da pobreza e da miséria ameaçava a “paz social” da burguesia, que passou a ver os seguimentos sociais mais pobres como uma classe perigosa. (CHALHOUB, 1996. p.8.).

A aprovação da Lei da Vacina foi o estopim que levou a população à revolta, a qual eclodiu no dia 10 de novembro de 1904. Posteriormente, o governo suspende a obrigatoriedade da vacina. A imprensa da época registrou com frequência todo o evento, bem como seus desdobramentos posteriores. A crônica foi o gênero mais utilizado para a abordagem da revolta, o que de acordo com Margarida Neves, constitui um registro que nos revela “o tempo vivido.” (NEVES, 1995).

Vale ressaltar que as crônicas cariocas da *Belle Époque* foram o gênero literário que se impôs nesse período no Rio de Janeiro, tendo como veículo de difusão os jornais, sendo que estes discutem a relação entre o progresso e a tradição. O tal progresso almejado estava aliado à transformação urbana e era entendido como inexorável, ao passo que o conceito de tradição

trazia em seu bojo um alerta à consciência nacional para a preservação dos monumentos do passado, da memória e do patrimônio cultural da cidade:

[...] a crônica tem um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios linguísticos de penetração e organização artística: é que nela afloram em meio ao material do passado, herança persistente da sociedade tradicional, as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal era um dos instrumentos. (ARRIGUCCI JR, 1987. p. 57).

O Jornal *O Paiz*, em 13 de novembro de 1904 noticia o levante sob o título “Vaccinação obrigatória. As arruaças de ontem.” Já no dia 14 de novembro, o mesmo jornal noticia a revolta com detalhes, inserindo em seu subtítulo a ementa do que será tratado no texto: “O dia de ontem. Arruaças, vaias e tiroteios. Bonds virados e incendiados. As providências do governo. A viação urbana suspensa. Os contingentes da polícia. Forças do exército. Auxílio da Marinha. Mortes de ferimentos. A cidade às escuras. Prisões. Várias notas.” Na *Gazeta de Notícias*, de 14 de novembro de 1904, Olavo Bilac publica a crônica intitulada “A Revolta da Vacina”:

Os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam à pressa as suas ferramentas: as enxadas, as picaretas, os martelos (...) Era o medo pânico do trabalho diante da calaçaria amotinada, era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa. (...).  
Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados à pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz.

Tanto no noticiário do jornal *O Paiz* como na crônica de Olavo Bilac, o objetivo foi o de esvaziar o caráter reivindicatório e político do movimento da Revolta da Vacina, o qual se opunha à vacinação obrigatória. De acordo com Magali Engel, o povo revoltado, representado nas crônicas de Bilac foi caracterizado como vagabundo e desocupado, em oposição às classes laboriosas. (ENGEL, 2005, p. 220).

A Revolta da Vacina constituiu uma evidência de como o cotidiano da cidade estava desordenado, em face das reformas de Pereira Passos e pela “modernização pelo alto” empreendida naquele momento. De acordo com Nicolau Sevcenko foi

por meio de um acontecimento catalisador (a vacinação compulsória), que os habitantes deram vazão aos seus descontentamentos endossando o movimento do quebra-quebra na cidade. Os alvos? Muitos dos elementos ou

símbolos da remodelação desenhada pela administração Pereira Passos, ou, por outros termos, quase tudo aquilo em que eles pudessem pressentir a presença do poder que os afligia nos seus menores sinais: na luz elétrica, nos jardins elegantes, nas estátuas, nas vitrines de cristal, nos bancos decorados dos parques, nos relógios públicos, nos bondes, nos carros, nas fachadas de mármore, nas delegacias, agências de correio e postos de vacinação, nos uniformes, nos ministérios e nas placas de sinalização (SEVCENKO, 1984, p. 68).

Bilac, em crônica publicada na *Revista Kosmos*, tematiza a Revolta da Vacina e é na qualidade de um intelectual e jornalista que demonstra sua preocupação com a nação e seu destino. De acordo com Magali Engel (2006), Bilac foi um intelectual que refletiu e pensou a sociedade de início do século XX, sendo um sujeito oriundo das elites, e, portanto, seu projeto de nação deveria realizar-se sob uma ótica da classe dominante, dentro de uma modernização de cima para baixo. Observe-se, no trecho da crônica de Bilac, a caracterização do povo:

As arruaças deste mês, nascidas de uma tolice e prolongadas por várias causas, vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador político irá, pelos becos e travessas, murmurar que o governo tenciona degolar todos dos católicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos... E a gente humilde aceitará como verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vacina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se preguem editais aniquilando a calúnia, e pouco importa que todos os jornais destruam a infâmia em artigos, em notícias, em anúncios: a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram e a sua revolta brutal e irresponsável continuará a servir de arma aos especuladores. No Rio de Janeiro, e em toda parte os analfabetos são legião. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive; não é homem, é um instrumento passível e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio. (*Revista Kosmos*, Nov. 1904).

Olavo Bilac, nesta crônica cotidiana, mostra um povo sem o domínio da leitura e da escrita, caracterizando-o como ingênuos, analfabetos e, dessa forma, podiam ser manipulados facilmente. No geral, as suas descrições sobre a revolta da população que se opõe à campanha de vacinação contra a febre amarela trazem marcas que dão os indícios da construção da profissão de repórter, descrevendo tudo o que estava ao alcance de seus olhos de maneira informativa e opinativa. Bilac, portanto, possui um discurso cívico, e o núcleo do seu texto gira em torno da necessidade de se ter um Rio de Janeiro “civilizado” para, então, poder se modernizar.

Registre-se o alijamento do povo, para além do caráter de demérito em relação aos revoltosos, conforme exposto nas notícias de jornais, o povo também foi caracterizado através do personagem Zé do Povo, nas charges dos jornais da época, como sendo um mero

espectador e não um cidadão. (SILVA, 2010, p 102). De acordo com Pedro Krause Ribeiro, o personagem originalmente tem origem em Portugal, em 1875, nos desenhos do caricaturista Rafael Bordalo e, posteriormente, já no início do século XX aparece na cena jornalística brasileira com Raul Pederneiras, Calixto, Leônidas entre outros cartunistas. (RIBEIRO, 2009. p. 1037-1038).

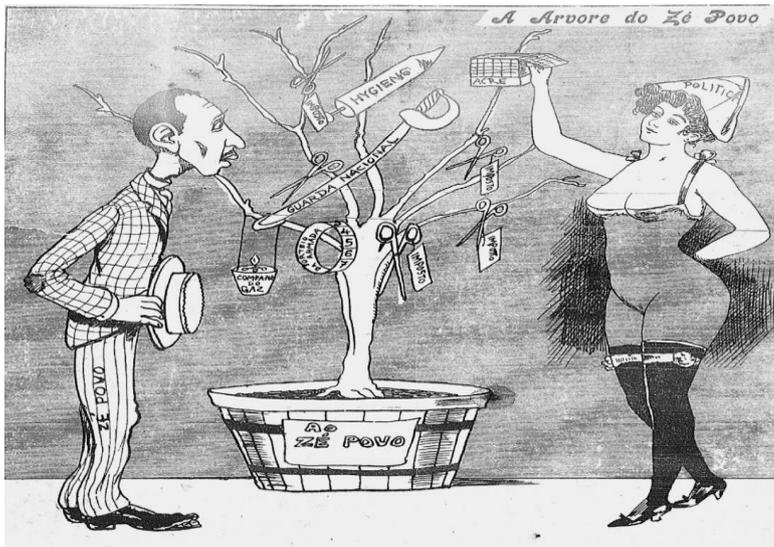


Figura 1. *O Rio Nu*, ano VIII, nº 678, 04-01-1905. “A árvore do Zé Povo” (charge), p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

Observa-se que tal qual uma árvore da Natal, “a árvore do Zé do Povo” apresenta-se sem folhas e a mulher que representa a política, a ornamenta com símbolos do poder e a seringa da vacina aponta para o galho mais alto representado ornado com uma caixa onde se encontra escrito “Acre”, um dos destinos finais do povo que se opõe ao ordenamento imposto.

No tocante às consequências da Revolta da vacina, esta deixou um saldo de muitos feridos e mais de 400 pessoas foram deportadas para a Amazônia, incluindo o Acre, território então recém-anexado ao Brasil, como nos mostra “A Árvore do Povo”, na figura 1.

De acordo com José Murilo de Carvalho (1987), após os distúrbios da Revolta Vacina, foram 30 mortes, 110 pessoas feridas, 945 pessoas presas entre militares e civis e 461 pessoas deportadas. Dentre essas deportações, destacamos àquelas para o Acre. Vale ressaltar que no tocante ao degrado dos revoltos para a Amazônia, encontramos certa lacuna nos estudos históricos e literários, pois quase todos os estudiosos e toda a historiografia tanto sobre a *Belle*

*Époque*, como sobre a Revolta da Vacina, apenas fazem rápida menção ao capítulo de tal degredo.

Ressalte-se que as deportações para a Amazônia não se deram somente para àqueles participantes da Revolta da Vacina ou para seu líder, o temível Prata Preta, mas fez parte de uma campanha de retirada dos indesejáveis de uma cidade que tentava se europeizar e se modernizar a partir de uma reforma urbana, conforme foi possível observar nos textos veiculados pelo periódico *O Rio Nu*. Na verdade, de acordo com Francisco Bento da Silva, foram desterradas pessoas dos estratos mais populares:

Eram, em muitos casos, sujeitos desempregados, biscates, capoeiras, delinquentes de pequenos crimes e que carregavam desde muito o estigma de serem elementos formadores das “classes perigosas”. Ou seja, os estereótipos que carregavam já os remetiam ao mundo do crime, fosse isso verdadeiro ou não. (SILVA, 2010, p.130.).

Dessa forma, é diretamente nos jornais onde podemos encontrar dados e textos sobre essa deportação de revoltosos para a Amazônia, textos esses que vão desde notícias à gazetilhas de pé de página ou mesmo crônicas, como foi o caso do periódico já mencionado anteriormente. O periódico *O Rio Nu* trazia variados textos sobre as deportações para o Acre, utilizando-se, muitas vezes da ironia e da pilhéria:

Os cáftens desterrados para o Acre fizeram grande previsão de canhões húngaros e russos para se defenderem, caso tenham que passar mais de 60 dias naquellas saudáveis e hospitaleiras regiões. (Lopes Trepeaux). (PR-SOR 8 (4) TITULO: *O Rio Nu*, ano VII, nº 674, 21-12-1904. MATÉRIA: “A Semana despida”, p. 02.).

Os desterros compulsórios de revoltosos e de não revoltosos foi, sem dúvida, o desdobramento mais cruel do levante da vacina, tendo em vista que a viagem para a Amazônia, era sem volta, quer seja pela distância, quer seja pelas condições financeiras dos desterrados, os quais passaram a viver numa realidade distinta numa floresta hostil à habitação humana. Citamos aqui uma crônica, assinada por Ruy Valle, no periódico *O Malho*, na qual o cronista sustenta que o desterro será a redenção para toda uma horda de “gente da lyra, heroes de gaforinha e de navalha, com retrato na detenção”, trocando “ a navalha e a viola pelo alvião e pela enxada”. Mais adiante, o cronista compara os degredos de 1904 com aqueles dos séculos XVI e XVII, os quais apregoavam uma espécie de “limpeza da Europa”, expurgando os condenados pela inquisição e os praticantes de pequenos crimes. (SOUZA, 1994). A seguir transcrevemos trechos da crônica:

Chronica de estado de sitio... Que pode ser sinão uma rezenha fria de cousas apagadas? O estado de sitio exerce uma influência exquisita nesta terra desde que o decretou, toda a agitação serena, toda a perturbação cessa.[...]

Uma ligeira onda levantou por momentos esse véo de águas mortas: partiu sorrateiramente para o Acre um navio conduzindo uma leva de degredados. Toda a gente sabe que esses degredados são o povo da lyra, heroes da gaforinha e da navalha, com retrato na detenção e medida no gabinete anthropometrico: foram eles que constituíram o “ povo indignado” em cujo pronunciamento se apoiou o Sr. Lauro Sodré para salvar a pátria. Partiram certamente com a alma desvairada, o coração dilacerado, mortos de saudades das vielas da Saúde, que são o seu campo de glória. [...]

O degredo é ás vezes a regeneração. Outro meio, outros hábitos. Alli na terra virgem, a necessidade de viver os há de dar forças ao trabalho, que o parasitismo se torna impossível de todo. Em face da beleza brutal e imponente, meiga para os que a afrontam, cruel para que se deixam amedrontar por ella, o povo da lyra abandonará a viola e a navalha pelo alvião e pela enxada. [...]

Auguro ao Acre, um brilhante futuro. Abram a história e verão que todos os povos do mundo não nasceram de fonte mais pura do que essa. Roma foi um couto de bandidos e entretanto chegou a dominar o mundo. O Brasil é uma grande terra e todavia não começou a colonisal-o sinão com as fezes sociaes. O Acre irá longe... A terra é rica, fertilíssima e cheia de borracha.[...]

O pessoal que vai para lá é valente, destemido, capaz de enfrentar os perigos naturaes. Novos seringais serão descobertos, conquistados aos índios, debastados e o dinheiro correrá das feridas da árvore da borracha como aqui corria o sangue das facadas que esse pessoal tão levemente sabia ministrar. Todos ganham com essa festa. Ganhrou sobretudo o chefe de polícia, ainda mais a estima e o apreço dos homens de coração, que virão que não o dominou a cegueira do ódio ou a indiferença da crueldade, mas ele soube fazer a escolha do pessoal a desterrar com a gravidade e a serenidade do juiz que não quer punir o inocente. (CÓDIGO: PR-SPR 218 TITULO: O Malho, ano III, nº 116, 03-12-1904.MATÉRIA: “Chronica”, p. 04.)

Na coluna *Semana Despida*, do periódico *O Rio Nu*, assinada por um cronista sob o pseudônimo de Pintassilgo, deixava-se claro para o leitor que as deportações estavam longe de ser uma punição para os revoltosos, mas antes foram despachados cafetões, como se pode observar no trecho a seguir:

Seria uma factu inexplicável para o público si o *Rio Nu* deixasse de procurar qualquer dos illustres representantes do caftismo a bordo do navio que os conduzia para o Acre.

Quando chegamos á ilha das Gibóias, já haviam embarcado os magnatas obrigando-nos a fretar uma lancha que nos levasse ao destino que almejávamos. Quase encostado ao portalo da prôa, distinguimos Leão C... que conversava animadamente com a Sarah e com a Carmem, habitantes da zona do Rocio.

- Precisávamos falar-lhe, dissemos.

- Pois não.

E entramos na matéria:

- Que pretendem fazer no Acre?
- Nosso negócio.
- Não acha difícil?
- Qual! Em todo lugar encontramos quem nos queira.
- Esperam ganhar fortuna?
- Não tanto como aqui. A Sarah, por exemplo, era raro o mez que não me passava 1.500\$; a Carmem variava de 500\$ a 1000\$.
- [...]
- Estavam muito tristes, pois acostumaram-se àquilo e não sabiam como poderiam viver dalli por diante
- Homens não faltam, arriscamos...
- Como Leon, non! E´s um sinhôr bom, amico da gente. Ensinou os costumes brasileiras, tudo, tudo, tudo.
- [...]
- E as duas? porque não vão?
- Não podem. Ficam bancando aqui até a nossa volta.
- E si o estado de sítio prolongar-se?
- Melhor será. A volta traremos gente de arregalar o olho que com as que já temos, dar-nos-há fabulosas fortunas!! (CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) TITULO: O Rio Nu, ano VII, nº 675, 24-12-1904. MATÉRIA: “Os sucessos de 14 de novembro”, p. 07.

A crônica *Os sucessos de 14 de novembro* narra um diálogo entre um jornalista do periódico *O Rio Nu*, um cafetão e duas prostitutas. O jornalista, próximo ao embarque na Ilha das Cobras, pergunta a um cafetão e a duas prostitutas o que esperam da ida ao Acre e estes respondem que farão bons negócios, inclusive com previsão de trazer novas pessoas para a prostituição. Tal crônica assemelha-se à crônica reportagem, gênero bastante utilizado na escrita de João do Rio. Conforme nos afirma Brito Broca, foi com João do Rio que “a crônica deixava de se fazer entre as quatro paredes de um gabinete tranquilo, para buscar diretamente na rua, na vida agitada da cidade o seu interesse literário, jornalístico e humano” (BROCA, 2004, p.247).

Sendo assim, se pensarmos na própria crônica como gênero híbrido, que nasce no jornal e passeia entre o literário e o não literário, captando o miúdo, o efêmero, conforme afirma Antonio Candido,

[...] é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera [...] Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. (CANDIDO, 1992. p. 14-15).

Ressalte-se que a crônica reportagem foi uma tendência dos 1900. Brito Broca (2004) atesta que foi a partir de 1900 que a imprensa passou a dar mais relevo à notícia e à

reportagem, em lugar dos artigos e textos de opinião. Tal transformação atendia ao gosto do público leitor, o que facultava “aos intelectuais, aos escritores, os jornais lhes pediam menos colaboração literária – crônicas, contos ou versos – do que reportagem, noticiário, tarimba de redação.” (BROCA, 2004, p. 81).

De modo geral, os textos publicados na imprensa carioca de então, que tratavam do assunto da Revolta da Vacina e das deportações para a Amazônia não só dos revoltosos, mas de indivíduos considerados indesejáveis, afirmavam veementemente que esses desterrados seriam a redenção para o povo desordeiro, bem como representaria mão de obra para o trabalho nos seringais.

O texto *Para o Acre*, assinado sob o pseudônimo de Othello, o Bello, foi escrito sob a forma de poema, também publicado no mesmo periódico (*O Rio Nu*). O texto além do tom da pilhéria, nos mostra ironicamente os desterrados para o Acre, utilizando-se de uma linguagem pseudo romântica de exortação a uma nova vida para os desterrados, na Amazônia:

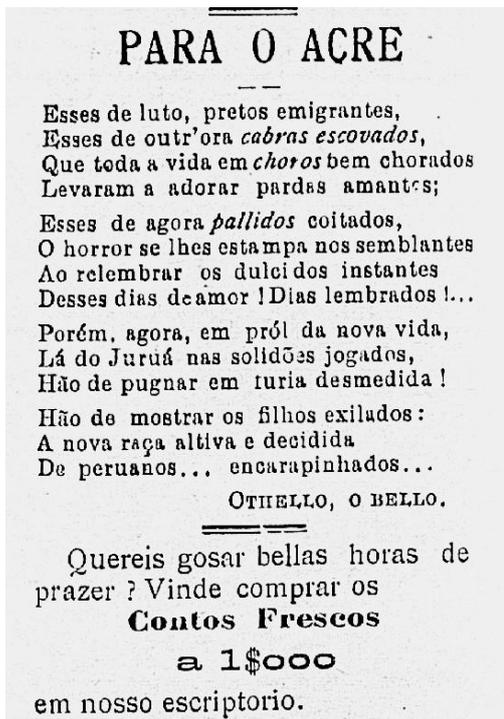


Figura 2 CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) TÍTULO: O Rio Nu, ano VIII, nº 691, 18-02-1905. “Para o Acre”, p. 02.

O texto, de fato, faz menção a importantes aspectos da região do Acre, pois alguns dos desterrados foram destinados à cidade de Cruzeiro do Sul, cidade cortada pelo Rio Juruá e mesmo no abandono de uma terra longínqua, há de surgir “a nova raça ativa.”.

A seção “Cartas de um caipira”, no periódico *O Rio Nu*, apresentava a crônica sob a forma de carta, utilizando a linguagem humorística e o dialeto caipira. Em uma das edições, a carta é endereçada ao compadre Numa Telle, na qual o missivista Juca Galinha explica que foi pego durante os protestos da rua e foi mandado para o Acre e pede para que compadre cuide de sua mulher:



Figura 3. CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) TÍTULO: O Rio Nu, ano VIII, nº 681, 14-01-1905. MATÉRIA: “Cartas de um caipira”, p. 03.

Na edição do mês seguinte, na mesma seção “Cartas de um caipira”, o Compadre Numa Telle responde a missiva ao compadre Juca. O missivista lamentando a ausência do compadre, que havia ido para o Acre, o aconselha a cuidar de sua mulher adúltera. A seguir, dispomos o recorte da carta:

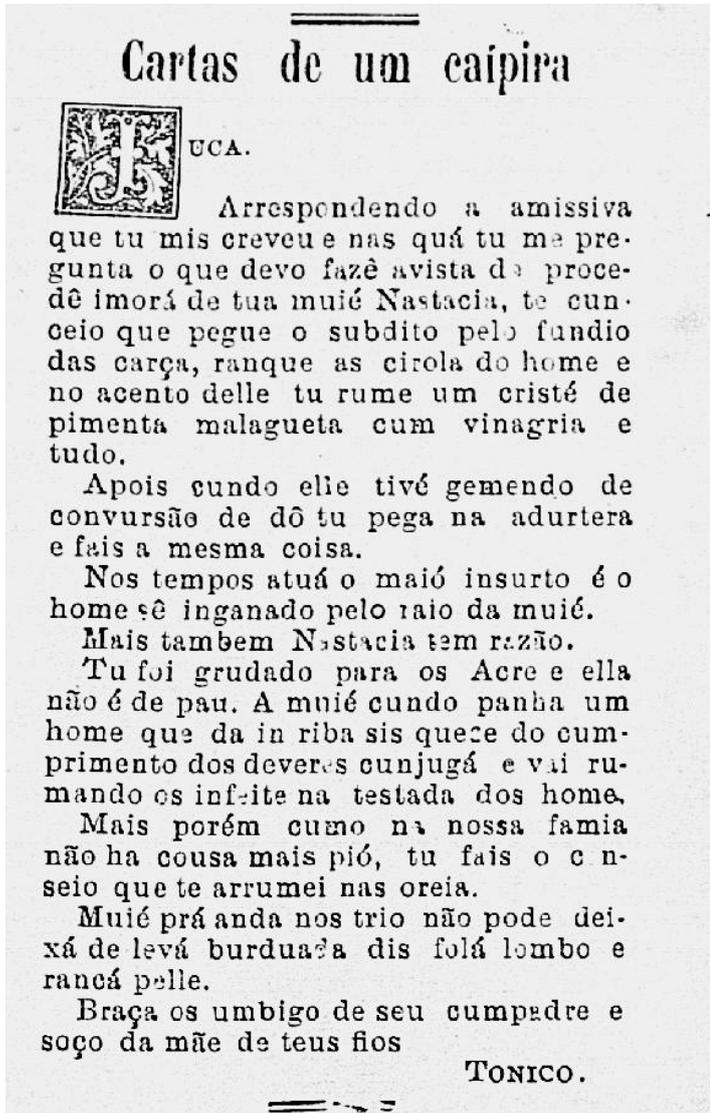


Figura 4. CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) TÍTULO: O Rio Nu, ano VIII, nº 692, 22-02-1905. MATÉRIA: “Cartas de um caipira”, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

### Considerações finais

Neste panorama descrito acerca da Revolta da Vacina, foi possível perceber o cenário da Belle époque, para além dos salões e da vida social das elites, tendo em vista que os literatos e os jornais nos mostram imagens das tensões sociais da Primeira República na

crônica diária, tentando pintar por palavras, uma terra distante - A Amazônia. Nesse sentido, pode-se observar como se unem as duas pontas de uma mesma bela época, na qual na Amazônia se vivia o auge da economia gomífera e no Rio de Janeiro, alheios dos salões afrancesados, uma população excluída promovia uma Revolta, que para além da recusa da vacina, havia em seu bojo, reivindicações por melhores condições de vida e de trabalho.

Iluminar, através das diversas escritas literárias veiculadas nos jornais, um episódio ainda pouco estudado, nos traz a oportunidade de melhor compreender quais as razões dos degredos para o Acre, de parte de uma camada popular que estava a exigir seus direitos e exercer sua cidadania, o que representa, sem dúvida, trazer para o debate “os mortos de sobrecasaca” drumondianos. (MALARD, 1987).

## REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés ao chão. In: CANDIDO, et. al. *A Crônica: O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo; Companhia das Letras, 1996
- ENGEL, Magali Gouveia. Os intelectuais, o nacional e o popular (Rio de Janeiro, 1890-1910). *História social*. Campinas-SP, n. 11, 2005 p. 211-226.
- ENGEL, Magali Gouveia. Povo, política e cultura: um diálogo entre intelectuais da Primeira República. Ago. 2006. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Magali%20Gouveia%20Engel.pdf>. Acesso em 02 de março de 2012.
- MAGALHÃES JR, Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1974.
- MALARD, Leticia. *Hoje tem espetáculo. Avelino Fóscolo e seu romance*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987.
- NASCIMENTO, Luciana Marino do. A cidade moderna e o literato: o Rio de Janeiro do bota-abaxo . *Duc in Altum* (Muriaé), v. 8, p. 45-52, 2008.
- NEDELL, Jeffrey D. *Béle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995, pp. 15-31.
- RIBEIRO, Pedro Krause. O “POVO” na retórica da charge: Zé povinho e Zé povo na imprensa luso-brasileira.(1875-1907). In: *Anais II Encontro Nacional de Estudos da imagem*. Londrina-Pr, UEL, 2009. p. 1037 a 1046.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina. Mentis insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SILVA, Francisco Bento. *Acre, a “pátria dos proscritos”: prisões e desterros para as regiões do Acre em 1904 e 1910*. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 2010. Tese de Doutorado.

SILVA, Francisco Bento. *Acre, a Sibéria Tropical*. Manaus: Edições UEA, 2013.

SOUZA, Laura de Melo e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

### **Periódicos consultados**

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

*O Rio Nu*, Nov. 1904

*Revista Kosmo*, Nov. 1904

*Gazeta de Notícias*, 14 de novembro de 1904

*O Paiz*, 13 de novembro de 1904

*O Malho*, 03 de dezembro de 1904.

Artigo recebido em julho de 2013.  
Artigo aceito em setembro de 2013.